



Experiência Comunicacional na Unidade de Produção da Comunidade de “Cabocharde”, em Valente-BA¹

Láine Lopes da SILVA²

Moisés dos Santos VIANA³

Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, BA

RESUMO

Esta pesquisa trata das experiências da comunicação na comunidade rural de “Cabocharde”, à qual pertence ao município de Valente/BA. A investigação é de base etnográfica (observação participante, diário de bordo, entrevistas e registro fotográfico), pois visa um melhor aprofundamento do trabalho de campo e compreensão do processo de interacionismo simbólico da comunidade. Tem como objetivo compreender as narrativas identitárias e as interações simbólicas entre os indivíduos que integram esse mesmo espaço, tendo como foco principal o grupo de mulheres produtoras presente na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Interacionismo simbólico; Experiências da comunicação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo de campo realizado na comunidade rural de Cabocharde, Valente-BA. Esse estudo contém os resultados de pesquisa do projeto de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em parceria com a Fapesb (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). Valente é um município localizado no interior da Bahia e é conhecida como a capital do sisal. Apesar de a cidade não ser a maior produtora de sisal da região sisaleira, ela possui esse mérito por sediar a empresa APAEB (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira), a qual possui uma grande importância na obtenção de projetos e políticas para os

1

Trabalho submetido ao Intercom Jr do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, na categoria IJ 07- Comunicação, Espaço e Cidadania, realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduanda em Comunicação Social (Rádio – TV) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS 14), Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB), Grup. Pesq. FEL, e-mail: ninalaine.silva@hotmail.com

³ Mestre em Cultura e Turismo (UESC). Docente do Curso de Comunicação Social (Rádio – TV) - UNEB (CAMPUS 14), Grup. Pesq. FEL, e-mail: tutmosh@gmail.com



agricultores, é bastante conhecida por orientar os trabalhadores rurais na prática sustentável e de forma solidária.

A unidade de produção situada na comunidade de “Cabochar”, que fica a 12 km do município, é uma associação que surgiu a partir de mobilização das mulheres com o objetivo de introduzi-las no mercado de trabalho, gerando emprego e renda na sua própria localidade. O grupo de mulheres, sempre que possível, participa de cursos, palestras e oficinas oferecidos pelo SINTRAF local (Sindicato de Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar). Essas ações servem para empoderar estas mulheres no sentido político, econômico, social e cultural.

A comunidade foi escolhida para a respectiva pesquisa por estar inserida no semiárido baiano, mais precisamente no território do sisal. No qual estão presentes narrativas identitárias na criação de valores, cultura do sisal, movimentos sociais, empoderamento da comunidade, agricultura familiar e luta pela obtenção de políticas públicas que garantam uma qualidade de vida melhor para a população.

Para o estudo foi realizado visitas na comunidade e na unidade de produção. A partir da observação participante e métodos de coleta de dados. Houve momentos mais profundos com questionamentos de forma natural, permitindo assim uma maior interação e conhecimento do pesquisador com a realidade e o sistema de produção dos sujeitos da localidade. Nessas visitas foram colhidas imagens do ambiente de trabalho, fotografias do local e os depoimentos sobre como se inseriram, o que levam deste projeto e como preparam o solo, cultivam, plantam e colhem as hortaliças.

Foi utilizado máquina fotográfica compacta, celular, anotações em diário de bordo e entrevistas, que serviram para registrar e aprofundar ainda mais os processos produtivos e a interação entre essas pessoas.

A necessidade desse tema surgiu a partir da importância que tem as interações de comunidades locais para o convívio de um povo com outras culturas, sujeitos sociais e como se dá os processos de comunicação entre si. Visto que, existem poucas pesquisas e desdobramentos na área rural, na agricultura familiar e conservação de costumes. Sendo que a prática da agricultura familiar é tão rica e antiga na região. Tem-se então a seguinte pergunta: como acontece a experiência da comunicação na comunidade de “Cabochar”, em Valente-BA?

O objetivo principal do artigo é conhecer como se dá esse processo de interação entre essas mulheres produtoras de hortaliças presente na agricultura familiar, descrever como é esse



processo de experiência comunicativa que está presente nessa comunidade e conseqüentemente no território do sisal. Uma vez que, a comunicação é entendida como uma forma necessária para o ser humano, a partir dela é possível a interação e compartilhamento de ideias entre as pessoas, seja por comportamento, gestos ou falas. Conseqüentemente, a comunicação gera os processos da experiência comunicativa de um povo. Pois, a experiência é a prática do saber adquirido pelas pessoas através do convívio, comunicação verbal e discursiva, que estão presentes na cultura de um povo e que servem de aprendizado ao longo do tempo. Assim sendo, todas essas práticas de interações envolvem símbolos, significados culturais presentes na comunidade, que torna-se perceptível o processo de interpretação identitária dos indivíduos em relação ao mundo.

COMUNICAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA

A comunicação é concebida de diversas formas, pode ser através da linguagem verbal, por meio de palavras, da fala ou da escrita, e através da linguagem não-verbal, pela qual é concebida a partir de desenhos, pinturas, artesanatos, gestos, por meio do silêncio, do olhar, comportamento, pela roupa que vestimos, etc. Vale ressaltar que a comunicação está presente em todos os lugares, a todo momento estamos nos comunicando, ação esta que acontece involuntariamente, sem querer. Os seres humanos sentem a necessidade de se comunicar, ser entendido, expressar os sentimentos, tornando-se impossível não se comunicar.

O conceito de comunicação parte da ideia de compartilhar algo, tornar comum. O ato de comunicar, para os seres humanos, é essencial para a sua vida social, devido à necessidade de interação uns com os outros. Sem a comunicação não existiria sociedade. A comunicação é um processo que além de trocas de informações e diálogos, também é vista como forma de compartilhamento de ideias e diferenças em comum.

Entretanto, com a evolução humana e o desenvolvimento da linguagem e escrita apareceram os meios de comunicação. Surge assim, mais tarde, o nascimento de inovações tecnológicas, telefone, jornal, computador, rádio, televisão, internet, redes sociais. Desta forma, o alcance da comunicação foi estendido por diversos lugares. Deste modo, consolidou-se a comunicação, iniciado com tentativas de fala e gestos dos homens até a evolução dos meios de comunicação que se dá atualmente. Ultimamente a comunicação se encontra em um patamar bastante elevado e vem se modificando cada vez mais. Em



decorrência disso, por meio dessas informações vinculadas nos meios de comunicação há uma mudança nos significados e apreensões, ocorrendo uma alteração no convívio social e cultural. Porém, a comunicação será abordada em outro contexto, ela será trabalhada como um modelo básico e natural, segundo a visão de Sodré (2014), a comunica o vista de forma ampla e interacional deixando de lado as teorias comunicacionais e tratando da comunica o como processo comum, natural e como necessidade do ser humano. A ciência da comunica o deve ser vista também pela diversidade cultural de um povo, ela se destaca mais no âmbito social do que estudada isoladamente através de teorias.

De acordo com Sodré (2014), partindo das ideias de Buber (1969), essa rela o fenomênica comunicacional   um abrigo no conjunto do ser, que se d  o termo de comunidade. E diante das ideias de Buber, ou mais precisamente no Buberismo, ele vai dizer que a comunidade não nasce pelo sentimento das pessoas entre si,   uma forma de descobrir sua identidade, permitindo-se diferenciar de outras comunidades. A comunidade   formada por vínculos visíveis e invisíveis, do ser vivo com o seu ancestral, formada basicamente pela herança cultural e histórica.

Ainda com base na perspectiva de Muniz Sodré(2014), entende-se o comum como algo natural, de suma importância para a intera o e produ o social.   o conhecimento adquirido pelo homem, a partir da endocultura o, um processo filogenético, a partir das suas observa es e experiências. Possui uma linha ontológica por ser algo tão básico e comum. Dentro das rela es sociais o comum cria um vazio, e esse vazio   um fen meno que apontamos como comunica o, e que vai emergir os significados das rela es com os processos de intera o.

O vácuo do que   comum vai possibilitar o surgimento de elementos que faz com que os indivíduos se entendam entre si e entendam o mundo juntos. O vácuo que   criado pelo comum entre um indivíduo e outro formar  comunica o e a emersão dos significados das rela es sociais. Os indivíduos buscam formas de intera es para atribuir-lhes significados e tentativas de compreensão (SODRÉ, 2014).

Segundo Blumer(1980), no processo de comunica o enquanto a o, os indivíduos entram num sistema de intera o entre si. A partir dessa intera o   estimulada a capacidade de interpreta o e percep o de símbolos que estão   sua volta. Essa a o se d  o nome de interacionismo simbólico, no qual os significados das informa es são construídos ou reconstruídos de acordo com o contexto social e cultural de cada indivíduo.



Antes, considera que o significado é produzido a partir do processo de interação humana. Para um indivíduo o significado de um elemento nasce da maneira como outras pessoas agem em relação a si no tocante ao elemento. Todas as suas ações preocupam-se em defini-lo para o indivíduo. Desta forma, o interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas em e através das atividades humanas determinadas em seu processo interativo. (BLUMER, 1980, p.121)

Como afirma Blumer(1980), o interacionismo simbólico é um método de análise do comportamento humano, através dele observa-se como o homem age em relação ao universo, como são apreendidos os significados por meio de interações sociais e como esses significados são interpretados. Sendo assim, pode haver resultados com diferentes significados, já que cada um interpreta de um jeito diferente. Vale ressaltar que o significado é fruto de uma interação social. Logo, o uso de significados requer um processo interpretativo, que se dá primeiramente num processo de interação consigo mesmo (autointeração) e depois em grupos.

Daí entra a relação da comunicação com a cultura, uma vez que os significados de qualquer coisa dependem da interação humana, valores, crenças e fatores culturais de cada indivíduo, tornando a comunicação impossível sem uma produção de sentido.

Cada cultura cria suas próprias regras, apropriação de signos, ideias e seus significados. A exemplo disso são os dialetos regionais de um país, cidade, comunidade. A cultura é um conjunto de diversas expressões e significados, incluindo os costumes, crenças, arte, valores, regras, comportamento e outras definições que regem a atividade humana em sociedade. Na obra de Carvalho e Viana(2015), com base nas palavras de Drawin(2006), há a definição de melhor entendimento à cerca da cultura,

Cultura é um sistema – transmitido socialmente (aprendizagem) – capaz de prover a adaptação e a assimilação do Homem ao meio ambiente e de interpretá-lo (Natureza) que se desdobra nas dimensões material (técnica) e simbólica (linguagem). A cultura possui uma função significante, constitui redes simbólicas que, do ponto de vista normativo cria padrões de comportamento e do ponto de vista cognitivo cria um conjunto de crenças e representações que possibilitam a compreensão e justificação da experiência humana (ethos/mytos). Estas redes, simbólicas incluem a própria cultura (reflexividade), se inscrevem inconscientemente nos indivíduos e comunidades e transformam historicamente. (DRAWIN, 2006 apud CARVALHO; VIANA, 2015, p. 194).



Ela é composta por símbolos, códigos, influências, trocas simbólicas, transmissão do passado para o presente através de geração em geração. Sendo assim, tudo que o homem produz a partir de um conhecimento adquirido faz parte da cultura.

A partir daqui podemos considerar a perspectiva de que existem diversas culturas, inclusive na sociedade brasileira – com suas peculiaridades e especificidades díspares, ricas abrangente e contraditória em seu aspecto dialético. No entanto, essa variação se contrasta com o repetido, o mesmo, o material e historicamente determinado. A cultura, dessa forma, insere-se numa perspectiva de condições de produção determinadas e, assim, toma um escopo próprio, a partir do qual é produzida e vivenciada. (CARVALHO; VIANA, 2015, p.192)

Diversas são as práticas culturais, porém este trabalho irá atentar-se a prática da fotografia na Antropologia, mas não vista apenas como arte, mas como um instrumento de pesquisa e que se aproxima bastante da comunicação, ainda mais pelo método etnográfico, pois possibilita capturar momentos a partir de um olhar específico. A partir da fotografia antropológica inserida na pesquisa etnográfica é possível registrar os detalhes na comunicação não verbal, sendo possível mergulhar na cultura e cotidiano de um povo (ANDRADE, 2002).

A fotografia é capaz de representar as formas de convivência e percepção humana. Tem um papel icônico de narrar, descrever, registrar, pesquisar, expressar o olhar estabelecido do fotógrafo, reconstruir a história de uma realidade particular e dela poder refletir sobre o que é mostrado. A fotografia é usada como um método de observação, e deve ser apenas uma técnica de complemento. Seu diferencial se dá na representação imagética que é mais perceptível aos olhos do que as representações inseridas nas entrelinhas da escrita (SOILO, 2012).

A COMUNIDADE E SEU DIA A DIA

“Cabochard” é uma comunidade com histórias próprias e modo particular de se viver. Considero esta uma comunidade com desenvolvimento rural razoável, visto que possui condições básicas necessárias para uma qualidade de vida e seu direito enquanto ser humano. Dispõe de escola, praça, campo de futebol, rede de esgoto nas casas, água encanada e associação comunitária. Importante ressaltar que a associação comunitária é o local no qual acontece as reuniões mensais dos indivíduos dessa localidade, cultos



evangélicos, missas católicas, aniversários e etc. A associação também é equipada com a casa de farinha e casa do beiju. Porém, os indivíduos dessa localidade não têm mantido a cultura da plantação da mandioca para a fabricação da farinha e do beiju/tapioca, justamente pelas mudanças climáticas frequentes que a região vem sofrendo. A exemplo disso, é o grande período de estiagem. No quesito saúde, as condições são boas. Há a presença de agente comunitário do próprio povoado que facilita os atendimentos no posto de saúde presente na comunidade vizinha, o Junco. Porém, a população ainda não possui igreja, mas já está em processo de construção junto com mais uma praça, segundo os moradores. Falta também o pavimento da rua principal, já que em duas comunidades vizinhas já possuem esse benefício.

Esse conjunto de pessoas desfrutam de uma narrativa identitária presente e marcante, um viés agrícola, no qual a maioria das famílias produzem nas suas terras. Os moradores consideram a comunidade um local tranquilo de se viver, relatam que não existem muitos casos de violência, a não ser quando acontece jogos de futebol que ocasionam em discussões e brigas, mas fora isso é um lugar agradável. É uma comunidade tradicional, possuem um grande grau de parentesco. Uma curiosidade desse local é que a maioria das pessoas se relacionam/relacionaram e casam com pessoas da própria comunidade. Normalmente casam jovens e conseqüentemente formam a família completa com filhos.

A comunidade pesquisada possui um nome diferente. Normalmente, a maioria das pessoas não sabem que existe uma pequena diferença na escrita e pronúncia do nome. Sendo assim, escreve-se “Cabochard” e pronuncia “Cabochá”. Porém, ainda é possível encontrar documentos de terra dos moradores no Sindicato local e endereços na Prefeitura municipal com o nome de “Cabrochá”, “Cabrochard”, “Caboxá” e entre outros desdobramentos do nome. Esse nome teve origem de uma propaganda de um perfume francês vinculada no rádio, na época era o meio de comunicação mais utilizado na região. Porém, antes do nome atual, a comunidade era intitulada de Lagoa do Veado, mas era alvo de piadas. Por esse motivo os moradores decidiram trocar de nome.



Figura 01: Entrada da comunidade, placa com o nome equivocado.

O “Cabochard” já foi alvo de muitas visitas, oficinas e seminários no período que o projeto de jovens funcionava, também contava com a arca de letras, esta incentivava a leitura das crianças e adolescentes. A arca ainda existe, mas não é utilizada. Eram produzidas hortaliças, sabonete de leite de cabra e molho de pimenta. Porém, esses jovens que participavam do projeto em 2002 foram crescendo e saindo do grupo, conseqüentemente os outros também saíram e parou de funcionar com a mesma intensidade. No entanto, sempre teve movimentações de pequenos agrupamentos tentando aproveitar o espaço. Na verdade nunca deixou de existir pessoas com a ideia de trabalhar assim, de forma econômica e solidária. Desde 2011 já haviam movimentações de mulheres começando a produzir novamente nesse espaço. Mas foi a partir de 2013 que as mulheres se organizaram mesmo para a luta por melhorias nas suas condições de vida, ajudando o marido/família nas despesas de casa e se tornando mais independente financeiramente. Depois do fechamento da fábrica de calçados na cidade, vista como uma das principais fontes de renda do município, ficou difícil as famílias se manterem. Sendo assim, houve uma vontade a mais de trabalhar e fazer com que realmente esse projeto fosse pra frente.

O grupo de mulheres produtoras integram o espaço físico presente na comunidade, o qual foi adquirido pela APAEB (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira) em parceria com outras instituições, idealizado com o propósito de incluir os jovens e adolescentes no mercado de trabalho, também conhecido como Projeto Integrado de Jovens, evitando assim que eles saíssem da sua terra para buscar opções de melhoria, podendo se inserir no mercado através da sua própria comunidade.



Outra ação de grande importância que acontece na comunidade é a ceia natalina, esta acontece tradicionalmente todos os anos, já está na sua 14ª edição. Essa atividade é mais conhecida como café da manhã e acontece no domingo antecedente ao natal.



Figura 02: Experiência comunicacional pela interação dos sujeitos sociais na ceia natalina.

O café da manhã foi idealizado pelos mesmos organizadores do Projeto Integrado de Jovens, com o objetivo de ter algo na comunidade que unisse ainda mais as pessoas que vivem ali. Para a construção dessa ceia é necessário o arrecadamento de uma quantia pequena de dinheiro dos moradores, feita pela direção da Associação Comunitária. Este é um evento que envolve toda a comunidade, um processo de interação simbólica, uma tradição que está sendo passada entre as gerações, construindo a memória do lugar e enraizando a sua identidade no cotidiano dos sujeitos sociais.

INTERAÇÃO NA UNIDADE DE PRODUÇÃO

Os gestos e as falas

É possível observar na unidade de produção que as integrantes do grupo se comunicam de diferentes formas. A partir da produção orgânica é possível inserir essas mulheres em outros locais, como, por exemplo, feiras de agricultura familiar no próprio município e em cidades vizinhas, gerando assim mais conhecimento com a interação entre outros grupos.

Normalmente falam olhando no olho, passando a sensação de verdade e luta no olhar. As vezes algumas dessas mulheres ficam acanhadas em situações na qual tem que falar em



público, a voz um pouco trêmula, o olhar é desviado para o chão e para os lados enquanto falam, principalmente quando são filmadas. Porém, isso só acontece mais quando são pessoas desconhecidas. As mulheres interagem por diferentes sistemas simbólicos. Elas conversam de tudo um pouco, falam sobre suas vidas e suas coisas de casa, trocam conselhos e suas experiências são passadas através do laço da amizade e do parentesco. Elas utilizam muito o pronome “tu” quando conversam entre si.

Na fala da moradora (Neusa), quando perguntada sobre o início do grupo ela responde de forma bem natural, “Foi bom, assim, pra render a renda da gente né, e aí foi um grupo de mulheres começando a trabalhar junto pra ganhar um realzinho, e aí tinha que ser assim.”

As expressões corporais são naturais e comuns, comunicando por gestos, acenos, olhares, sorrisos, expressões faciais, balanço da cabeça para responder positivo ou negativamente, ou se aprovam ou não suas próprias ações.

Uso das tecnologias

Atualmente é quase impossível chegar em um local que não tenha tecnologia e que essa tecnologia não tenha mudado a vida das pessoas que a utilizam. Antigamente as mulheres estavam destinadas somente aos afazeres domésticos e cuidado com os filhos. A sua jornada de trabalho antes era considerada mais árdua, devido à falta de aparelhos que facilitassem a sua vida.

Hoje é notável a grande melhora na qualidade de vida a partir das tecnologias introduzidas no seu dia a dia. Todas as mulheres do grupo de produção possuem em suas casas: geladeira, fogão a gás, televisão, antena parabólica, rádio e celulares. Percebe-se que há uma melhora nas tarefas domésticas. Nos dias de hoje, as mulheres não trabalham tanto quanto antes no interior da sua residência. Nota-se que na maioria das residências ainda possui fogão a lenha, que é utilizado para não perder o costume adquirido e ainda serve como forma alternativa de economizar gás.

Com a introdução dessas tecnologias, pôde-se perceber que elas não gastam mais tanto tempo preparando a comida. A exemplo disso, quando a comida é preparada há a opção de armazená-las na geladeira, consumir no dia seguinte ou até mesmo deixar refrigerada a semana inteira, dependendo do tipo de alimento. Sendo assim, há um aproveitamento de tempo na cozinha e esse tempo acaba sendo aplicado em outros afazeres na unidade de produção.



Os meios de comunicação mais utilizados na comunidade é a televisão, o rádio e o celular. Nenhuma família possui telefone fixo. Na grande parte das casas as televisões são analógicas e contém até 21 polegadas, conta também com antenas parabólicas em suas residências. Porém, algumas poucas moradas dispõem de antena de TV por assinatura.

A comunidade não utiliza muito a internet. Poucas residências têm internet banda larga. A maioria dos que utilizam são jovens através de smartphones e plano de dados da operadora de telefonia. Apenas três residências possuem sistema de roteação de internet.

Normalmente, a grande parte das famílias possuem algum tipo de locomoção, o mais frequente é a moto e a bicicleta, pelo menos uma motocicleta em cada residência. Mas, isso não se aplica a todas.

As mulheres têm o costume de ir a cidade pelo menos uma vez na semana para fazer as compras de alimentos e produtos para a casa. Não há transporte público fornecido pelas empresas públicas ou privadas. Os meios de locomoção são os carros de linha, que nada mais é que carros próprios de indivíduos de comunidades vizinhas que ganham a vida cobrando a passagem de pessoas que dependem do meio para fazer o percurso de locomoção da zona rural para a cidade.

Na unidade de produção não há grandes avanços tecnológicos, no sentido de técnica mecanizada para a produção da agricultura. O trabalho é manual e braçal mesmo, caracterizando ainda mais como agricultura familiar.



Figura 03: Integrante fazendo o preparo de canteiros para a plantação de hortaliças.

Já as tecnologias inovadoras na área do trabalho é a inserção de cisternas de produção para armazenamento maior de água para a manutenção da atividade. É válido frisar, que o grupo



de mulheres produtoras não possuem um sistema de irrigação, visto que não é da cultura da comunidade utilizar essa alternativa. As mulheres preferem usar o regador de plástico para o carregamento da água até as hortaliças.

O que se produz

Na unidade de produção são produzidos alimentos orgânicos que proporcionam alimentos livres de agrotóxicos, preservando assim o meio ambiente e a cultura do plantio. São produzidas hortaliças como coentro, alface, couve, pimentão, pimentas, cebolinha, hortelã miúdo, espinafre, tomate, além de verduras como o quiabo.



Figuras 04 e 05: Plantio de coentro e couve.

As mulheres produzem e comercializam na própria comunidade, em Valente e na cidade vizinha Santa Luz. Por se tratar de uma economia solidária, o que é produzido e não foi comercializado é dividido entre as integrantes do grupo.

Para a estrutura da plantação é necessário o sombrite, uma tela preta de proteção usada como cobertura para diminuir a entrada de raios solares sobre a plantação. No preparo do solo são feitos canteiros de terra e adubados com folhas de árvores, esterco de criação e resíduo de sisal.



Figuras 06 e 07: Cercado da plantação de hortaliças coberto pelo sombrite e a outra imagem o esterco de gado.



As mulheres do “Cabochará”, assim como a grande parte dos produtores da região do sisal, tem o conhecimento da importância dos alimentos orgânicos para a saúde da população. Visto que, esses alimentos são livres de produtos químicos e são mais saborosos, remetendo o sabor a natureza. As integrantes do grupo de produção também têm todo um cuidado de preservar os recursos naturais. As embalagens que contém as sementes quando usadas e os sacos vazios utilizados para o adubo, são organizados e guardados para não deixar livres no ambiente e reutilizados quando há necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na unidade de produção das mulheres é perceptível como a comunicação enquanto ato simbólico de significação é marcada pela circulação de informações pelo diálogo, como forma natural de interação. Os conhecimentos adquiridos com o tempo de acordo a vivência em casa e na comunidade acaba virando experiência.

Além disso, os processos de troca simbólica adquiridos com esse processo natural do comum criam uma linguagem compreensiva e singular da unidade, construindo sua identidade.

A experiência da comunicação das mulheres produtoras perpassa pelos processos interativos com a sua comunidade, sua família, visita a outros lugares, participação em palestras, venda dos seus produtos nas feiras livres, ocasionando em mais conhecimentos e de acordo com a sua visão de mundo decidem ou não adotar as práticas para suas vidas. Desse modo, as experiências comunicacionais adquiridas pelos processos do interacionismo simbólico permite que os indivíduos ajustem as suas diferenças em comum, como algo ontológico e adquirido com o tempo, uma ação espontânea de passar informações no cotidiano com as pessoas que convivem.



REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M.; FLICK U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, David (Ed.). Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, Martins Fonte, 2010.

GODOY, E. V; SANTOS, V. M. **Um olhar sobre a cultura**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.30, n.03, p.15-41, 2014.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. mPorto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOILO, Andressa Nunes. **A Arte da Fotografia na Antropologia: o Uso de Imagens como Instrumentos de Pesquisa Social**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais-IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.73-80, Dezembro. Disponível em:< www.habitus.ifcs.ufrj.br >. Acesso em: 16 de nov. de 2015.

VIANA, Moisés dos Santos; CARVALHO, Renata Coppieters. **Pressupostos da identidade popular: aspectos reflexivos**. Revista Simbiótica-UFES-Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Espírito Santo, v.2, n.1, p.183-201.

VIANA, Moisés dos Santos. **A identidade em imagem: retratos da feira-livre de Coité-BA**. In: SINBAIANIDADE-Simpósio Internacional de Baianidade e II CILLAA-Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Africanas e Afro-Brasilidade, 2015, Salvador. Anais. Salvador: UNEB, 2016. p. (s.n).